



Por uma pausa

For a break

Por un descanso

Paula Vargens¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Dirce Elenora Nigro Solis²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

O presente artigo se propõe a uma breve reflexão sobre a questão do tempo na modernidade e sua relação com a religiosidade. O texto argumenta que as religiões judaico-cristãs oferecem um modo de se conceber a vida que remete a uma ideia de tempo linear, o qual constitui e é constituinte desta racionalidade moderna-colonial, atravessando o modo de se conceber o sentido maior da vida e, conseqüentemente, os modelos punitivistas, em especial o cárcere. Busca, então, um diálogo, com outras religiosidades, em um movimento de tentar pensar se outras formas de conceber a vida, e o tempo, oferecem pistas para outros diálogos para a resolução de conflitos.

Palavras chave: Tempo; Religiosidade; Punitivismo; Cárcere

ABSTRACT

This article proposes a brief reflection on the question of time in modernity and its relationship with religiosity. The text argues that the Judeo-Christian religions offer a way of conceiving life that refers to an idea of linear time, which constitutes and constitutes this modern-colonial rationality, crossing the way of conceiving the greater meaning of life and, consequently, the punitive models, especially the prison. It seeks, then, a dialogue with other religiosities, in a movement to try to think if other ways of conceiving life, and time, offer clues for other dialogues for conflict resolution

Keywords: Time; Religiousness; Punishment; Prison

RESUMEN

Este artículo propone una breve reflexión sobre la cuestión del tiempo en la modernidad y su relación con la religiosidad. El texto sostiene que las religiones judeocristianas ofrecen una forma de concebir la vida que remite a una idea de tiempo lineal, que constituye y constituye esta racionalidad moderno-colonial, cruzando la forma de concebir el sentido mayor de la vida y, en consecuencia, los modelos punitivos, especialmente la prisión. Se busca, entonces, un diálogo con otras religiosidades, en un movimiento para intentar pensar si otras formas de concebir la vida, y el tiempo, ofrecen pistas para otros diálogos de resolución de conflictos.

Palabras clave: Tiempo; Religiosidad; Castigo; Prisión

¹ Pedagoga (PUC-Rio), Mestre em Educação (FFP/UERJ), Doutoranda em Filosofia (PPGFIL/ UERJ); <https://orcid.org/0000-0003-2585-0987> Endereço eletrônico: paulavargens@gmail.com

² Professora Titular de Filosofia da UERJ; <https://orcid.org/0000-002-2453-6761> Endereço eletrônico: dssolis@gmail.com



Começo

A chuva cai, molha o chão, e não deixa o tempo passar. Escorregadio, se esvai por entre as pedras e corre nas brechas. Se o relógio marca um tempo, a sombra desvia e o silêncio nos ensina sobre um tempo que respira. No batuque do tambor, um diálogo com quem já se foi, um chamado para quem virá, reunindo todos num só tempo-espaço. E o que esses diversos tempos podem nos dizer sobre nosso modo de ser e estar no mundo? O que ele nos diz sobre como pensamos e vivemos a punição?

Partimos da ideia de que a religiosidade permeia a forma como concebemos a vida e os sentidos que atribuímos aos diversos aspectos de sociabilidade que nos atravessam. Mesmo sem que se tenha uma prática religiosa, há uma ética que pauta e organiza a vida social. Entendemos que na sociedade ocidental, moderna-colonial, essa ética, apesar de diversos processos de negação, de tentativas de destruição, segue sendo de grande modo espectralizada pelos valores judaico-cristãos. E nesses vieses, a forma como compreendemos o tempo parece nos dizer muita coisa, pois o “religioso não é (...) um fenômeno ideológico ou uma produção fantasmática entre outras” (DERRIDA, 1994, p. 221), representa a referência primeira da cultura ocidental.

A proposta de desconstrução, como apresentada por Derrida, pode nos ajudar a entender a necessidade de deslocamento de certas proposições marcantes dessa racionalidade logocêntrica. Distingue-se, contudo, de uma destruição, pois “não se trata de simples desmantelamento de pares de opostos, mas sim de valorizar, atribuindo-lhes e mesma importância, os termos segundos destes mesmos pares, que para a metafísica ocidental sempre estiverem em posição subordinada aos termos primeiros” (SOLIS, 2009, p. 40).

O movimento de desconstrução tem sua eficácia justamente por haver um deslocamento sem possibilidade de retorno de modo idêntico ao ponto ou forma inicial. A partir da crítica ao logocentrismo, que se constitui com pares binários opositivos hierarquizantes, característico do pensamento ocidental, a inversão e deslocamento, tal como propostos, ampliam as referências e trazem à cena elementos que foram sendo apagados ao longo da consolidação da moderno-colonialidade.

Nesse sentido, pensar o tempo e suas possibilidades, implica em deixar chegar aquilo que foi sendo escamoteado pela imposição desta unicidade reducionista dessa racionalidade. Provocados por Derrida, podemos entender que se trata de deixar vir os espectros e fantasmas, tudo aquilo que nos assombra, que se faz presente mesmo sem ser visto. Para tanto, é importante entendermos o que Derrida está compreendendo como espectro:

Espectro para Derrida é uma noção em sintonia com a ambivalência e a dimensão aporética dos discursos e textos, cara à desconstrução. O espectro não é inteligível nem sensível, nem morto nem vivo e é capaz de resistir, como os quase-conceitos, às oposições conceituais hierarquizadas da filosofia. Um espectro funciona metaforicamente no texto, é uma textualidade no lugar de outra dita “mais real”. Obedece a uma lógica fantasmal, mas é igualmente real para a nossa experiência (SOLIS, 2019, p. 237).

O tempo da modernidade é um tempo de atropelo, de uma eterna dívida e, simultaneamente, de eterna espera. As religiões messiânicas se organizam na espera da vinda do Salvador que irá redimir os pecados, à espera da salvação tanto na dimensão do coletivo (com a chegada do Messias), quanto na dimensão pessoal (à espera do Juízo Final). É a espera de um porvir que não tem prazo, que não se sabe quando será. Espera-se. Espera-se “a vinda do outro, a singularidade absoluta e inantecipável do que chega como justiça” (DERRIDA, 1994, p. 47).

Quando olhamos o que nos chega desse legado cristão, somos remetidos a um conjunto de princípios que trabalham com a ideia do pecado, salvação e condutas morais que devem ser seguidas para que se saia desse estado pecaminoso e se chegue à redenção. A vida se dá em um balizamento entre vida e morte, regida, por um lado pelo pecado original, e por outro, pela promessa da vida eterna, que, contudo, está condicionada a sua prática na vida terrena. Espera-se chegar à vida eterna. E na espera deve-se agir bem para poder ser salvo. E o “agir bem” aqui é agir dentro de um determinado código moral estruturado a partir das orientações divinas, daquilo que se apresenta como inquestionável e se traduz, em grande medida, no texto dos 10 mandamentos. Seguindo a regra, encontra-se o caminho da salvação.

Nesse sentido, podemos em diálogo com Derrida, entender que:



A ascese desposa a esperança messiânica de todas as formas bíblicas, e até de todas as figuras determináveis da espera, ela se desnuda assim com intenção de satisfazer ao que deve ser a hospitalidade absoluta, o “sim” ao (à) que chega, o “vem” ao porvir inatencível – que não deve ser “qualquer um”, atrás do qual se abrigam os fantasmas bastante conhecidos, que se deve, justamente em reconhecer (DERRIDA, 1994, p. 224).

E segue observando que “o messiânico, inclusive sob suas formas revolucionárias (e o messiânico é sempre revolucionário, deve sê-lo), seria a urgência, a iminência, mas, paradoxo irreduzível, uma espera sem horizonte de espera” (idem). A vida presente permanece assombrada por esse risco da equação pecado – arrependimento – salvação não se ajustar de modo positivo enquanto se espera. O presente é assombrado.

Fica a sensação de um hoje deslocado. O “hoje” passa a ser um continuum esperar, que fará sentido no dia do Juízo Final, ou da chegada do Messias. A criança espera. Espera que um dia vai crescer, espera o que “vai vir a ser”, ela ainda não seria. Sujeito, para essa sociedade, é o adulto produtivo. A infância é tempo de espera. A esperar por torna-se “alguém” que deixe de ser *in-fans* e passe a ter voz. Ela não é por si. Deve esperar. O idoso, tampouco, o é. Deixou de ser. Passou. Só se é enquanto é possível ser sujeito produtivo ao capital. É o tempo de uma outra espera, é o tempo da dívida, do que poderia ter sido, ter feito, do que deixou de ser. É o tempo do descarte e da espera.

A vida fica regida entre tempos de espera e tempos de dívida. Mesmo a fase “adulta”, que carrega a promessa do tempo “de ser”, coloca uma exigência fechada do que seria o tal “ser”, que se torna “quase” inalcançável. É um tempo curto, restrito, em que pouco se pode ser, ao mesmo tempo que se espera que se “seja ao máximo”. “Ser ao máximo” seria também não ser?

É o tempo das metas, dos resultados, de alcançar todos os objetivos, de consumir, viajar, experimentar, resolver, se resolver, casar, ter filhos, casa, carro. Consumir, consumir, consumir... Garantir que se chegará ao tempo da espera pronto para esperar o fim. Ser bom, para ser salvo, é, então, ser produtivo, consumidor e agir dentro de um padrão. Aceitar o seu tempo, mantendo uma conduta moralmente adequada.

Como se existisse, talvez, um duplo que por um lado te diz “é hora de ser”, mas que o tempo todo te mostrasse “você não é, falta um pouco, quase foi”. A experiência do tempo,

aqui também, não é do tempo presente. Ele segue deslocado, prometido. Ele segue como um espectro que ronda, mas que nunca chega.

A Teologia da Prosperidade tem como um dos seus eixos a promessa de uma recompensa material na vida terrena. É interessante que, por um lado, fala da possibilidade de satisfação e desfrute do presente, que não se restringe a uma vida futura, saindo do ascetismo presente em determinadas correntes do protestantismo histórico, e aceitando o prazer terreno. Contudo, por outro lado, a felicidade se relaciona com a prosperidade material e esta, por sua vez, com o pagamento do dízimo. Logo, tem uma relação direta com a questão financeira, mantendo a lógica de consumo e produção, visto que seria uma orientação divina o acúmulo de riquezas.

Além disso, vem sendo estabelecido um diálogo com a Teologia do Domínio, a qual compreende a necessidade de um controle do corpo, dos modos e dos desejos, para que se vença a batalha espiritual “dos cristãos contra o diabo” e, assim, chegue à salvação. A ideia de tempo aqui parece muito vinculada ao controle. Controle do corpo, do tempo do desejo, do tempo de batalha. E do tempo da espera. Se há uma batalha a ser vencida, o hoje está deslocado, perdido para a guerra. Após o fim da batalha, virá a salvação, agora é o momento da luta contra espíritos territoriais e hereditários, contra os fantasmas, da luta pela cristianização, para que todos aceitem sua fé. Na batalha não há tempo a perder. Não há tempo para se parar.

Desta forma, nos parece que por mais que essas Teologias tragam a possibilidade de um prazer terreno, ainda que vinculado ao poder de consumir e adquirir riquezas, a Teologia do Domínio vem dizer que ainda há uma vírgula a ser colocada antes desse momento, pois estamos em batalha. Ainda não é o momento, ainda é um por vir.

Em todas essas concepções de mundo, o tempo se passa pela espera do momento a ser salvo. Fica um tom de angústia, de tensão, de prontidão, pois não posso estar no presente (que está deslocado). A salvação virá, ainda não chegou, mas virá. Você deve estar a postos para quando ela chegar.

Num tempo de extremo consumismo (de bens materiais, corpos, imagens, símbolos) esse jogo entre “poder” consumir, por ser autorizado por Deus, e ao mesmo tempo, não poder,



por não ter condições; fala também dessa constante frustração, constante espera pelo dia que poderá. Não hoje. Não agora. E se fazem novos atropelos e remendos de promessas pelo dia que virá. Em um tempo de desigualdades e violências, o ser como consumo e produção, vira o tempo da angústia permanente.

O tempo moderno é também o tempo quantificável. Segundos, minutos, dias, meses, anos. Frações de tempo, de um tempo que se faz infinito. Mas que segue uma única direção. Mede-se o tempo, aprisiona-se o tempo. É o tempo do progresso que se dá por si, como o tempo único da história. O tempo passa. Homogeneíza-se o tempo, em um tic-tac ritmado e sem fim.

O controle do tempo parece remeter à ideia tão forte e estruturante da moderno-colonialidade, qual seja, a concepção de uma linha única da evolução da história (DUSSEL, 2005), da existência, de um único caminho que leva à salvação. Da barbárie à civilização; do animal ao homem; do misticismo ao cristianismo; da emoção à razão... A vida privada, individual também vive os atravessamentos dessa racionalidade e passa a se resumir em nascer, crescer, reproduzir e morrer. Ou nascer, crescer, (re) produzir e morrer. Existe um único caminho que cada um deve seguir para ser feliz e salvo. Um caminho que se propõe, tal qual a colonialidade, neutro, único e universal e, portanto, a-histórico.

Um caminho que espectra, então, como algo dado, pronto, novamente um fantasma que assombra, que está pronto desde antes do nascimento, desde antes de se vir ao mundo. Uma lista de tarefas a serem alcançadas, concluídas, conquistadas, com seus prazos e protocolos. É uma corrida contra o tempo. Em algum momento talvez dizer com todas as letras que o tempo da religião, do cristianismo é sempre spectral. O reino que não é desse mundo, o tempo da espera é spectral.

Parece que fica implícita a centralidade da família como eixo estruturante do sentido de vida e de tempo estabelecido. O tempo passa a ser marcado pelas funções a serem exercidas dentro da família em cada etapa da vida. A família, contudo, passa a ser uma meta a ser alcançada, um objetivo pré-estabelecido, de forma que, de algum modo parece perder o sentido do afeto e assumir um lugar em que o papel assumido fala *por si* mais do que as relações estabelecidas, abrindo espaço para uma objetificação das pessoas envolvidas. Mais

do que uma pessoa completa, integral, é a mãe, a esposa, a filha... quando não raro vem antecedida por um pronome possessivo *minha* mulher, *meu* filho...

Essa relação objetificante remete a um aspecto dessa “sequência da vida” que são as pequenas metas a serem alcançadas. Não basta crescer e reproduzir, tem que casar, ter filhos, ter uma casa, um carro, uma série infinita de bens, em uma listagem que está se atualiza automaticamente conforme cada ponto é atingido, como em um movimento de cascata, onde se está em uma constante dívida. Novamente, o presente fica deslocado e as relações tornam-se lista de coisas que garantem o caminho da salvação e da felicidade, que se consolidaria no tal caminho único a ser vivido.

A mudança de percurso é vista, então, como um desvio, um erro. Um erro a ser punido (e que se não for punido pelos homens, o será por Deus), cabendo àquele que desviou, retornar, se arrepender e voltar a seguir a linha, pois é o único caminho que leva à salvação.

Vive-se, assim, um mundo de atropelos, de regras impostas, onde a frustração reina e a espera pela salvação dita o caminho dos passos. Como um fantasma, a pergunta “você já chegou lá?” assombra o tempo todo, espectra todo o caminhar. É o tempo da angústia eterna. Não há desvio, não há saída.

A escolha da cristandade, como ensina Fabio Borges, foi pela guerra, e não pelo amor. E essa guerra parece adentrar os corpos, constituir nossas mentes e declarar uma guerra de cada um contra si mesmo, contra o tempo, contra a vida presente. A defesa pelo amor e humildade, muito presentes nos ensinamentos do Apóstolo Paulo parecem ter ficado em segundo plano. A ideia do amor incondicional se perde diante de tantas demandas a serem atingidas. Assim como o reconhecimento da impossibilidade de existência sozinho, pois se “quando sou fraco é que sou forte” (Apóstolo Paulo), é quando me reconheço fraco que posso ser forte e pedir ajuda. Somente sendo pequeno é possível reconhecer a necessidade de afeto e encontro a inviabilidade de um caminho individual. Ao se reconhecer fraco não há espaço disputa: estamos todos caminhando em seus tempos. Aspectos que, contudo, se perdem nessa obsessão pela vitória, pela luta que o tempo único traz.



E em meio a essa angústia sem fim do tempo que não se pode perder, que se tem que correr atrás, Derrida (1994) vai nos lembrar do ensinamento de Shakespeare: “O tempo está fora dos eixos”, e nos ensina:

Estar *out of joint* quer se trate do ser ou do tempo presentes, isso pode fazer mal e fazer o mal, trata-se, sem dúvida, da possibilidade mesma do mal. Mas, sem a abertura dessa possibilidade, não resta, talvez, para além do bem e do mal, senão a possibilidade do pior. Uma necessidade que não seria (nem mesmo) uma fatalidade (DERRIDA, 1994, p. 47-48).

Como estar nos eixos um tempo que se pauta na angústia do viver? Como estar unido um tempo que anda com medo, à espera do que virá, sem ar, sem cor, sem pão? Como deixar que esse tempo não faça mal, não seja uma possibilidade mesma do mal, mas volte a ser a dobradiça que une, articula sem se sobrepor? Como fazer com que o tempo desses tempos não seja uma corrida sem fim, onde tudo o que se espera, de fato é o seu fim? E nesse sentido, como nos ensina Derrida, “Não há nada de surpreendente que o fim do desajuste (do estar “out of joint”) ‘prefigure’ um ‘eterno presente’” (idem, p. 101). Desajustar tempos e espaços, em um movimento de reinvenção dos tempos, de reinvenção do que significa esse tempo presente.

1. Meio

E um passarinho pousou na janela. Por entre a tela se espremeu e veio ver o outro lado. Rodopiou e saiu. Pequeno, peito branco. Não sei quanto tempo durou, ficou o registro para muitos anos. Uma delicadeza emocionante. Dizem que os pássaros são os nossos ancestrais que vêm nos visitar. Recebi como uma bênção, agradei e sorri. Talvez não seja um tempo, talvez sejam vários, múltiplos... Estava ali o tempo da pausa.

Em algumas culturas os pássaros representam uma abertura para maior sabedoria e conhecimento, podendo incorporar as qualidades dos deuses, sendo, assim, uma presença sagrada na natureza. Podem ser os ancestrais, os que vieram antes. Falam de calma e de abertura.

Quem entra é uma Deidade, com toda sua história; que encanta o presente com sua presença, que nos lembra que não estamos sós. Dá-se um alargamento no tempo presente. Desloca-se dessa racionalidade colonial, centrada no logos, onde há um aprisionamento do tempo, ampliando-se para um reconhecimento dos tempos múltiplos.

A possibilidade de serem tempos, múltiplos, simultâneos abre uma outra perspectiva de vida. É ao mesmo tempo. É o tempo da espera e é o tempo de agir, de viver. É o tempo de se fazer ancestral, pois a ancestralidade se faz no presente. E esse tempo demanda calma, pensar no que se faz, sentir em sua multiplicidade o que se vive. Não é mais o tempo da razão, do logos, mas da integração do corpo com a mente, com o visível e o invisível. É o tempo de se chegar devagar, em uma gira que já existe, que já está acontecendo.

E, apesar da imposição desse tempo único, a vida é maior e os tempos emergem nas brechas. O passarinho pousa, o coração dispara. Os encontros ultrapassam a normatividade, são repletos de sotaques, festas, brechas. Os sincretismos nos mostram esses encontros e multiplicidades. Ainda que se tente incorporar o outro, o rastro segue e impõe um diálogo necessário entre as diversas formas de se conceber o tempo. Ou como nos ensina Rafael Haddock-Lobo, o próprio modelo de dominação do catolicismo trabalha com esse movimento de incorporação, para dominar, promovendo uma religiosidade popular, e abrindo um espaço para os diversos cruzos, que vão ampliar os campos de experiência, a despeito de todo epistemicídio.

Criam, assim, outros tempos, e o tempo retorna como espectro, “pois o tempo, o tempo digno desse nome, só surge como assombramento. O tempo do outro, dos outros, dos outros outros” (HADDOCK-LOBO, 2020, p. 21). Em um embaralhamento do tempo, onde não se tem mais de forma tão fixa as ideias de presente, passado e futuro, onde há a possibilidade do encontro entre vivos e não-vivos, deidades e mortais. Um tempo miúdo, no qual cabem diferentes tempos e espaços, em que o caminhar se faz cuidadoso, olhando onde se pisa, pisando devagar. Um outro presente se faz possível, falando de uma outra ética, pois

Uma outra ética e uma outra política são estas que emergem de um tempo assumidamente assombrado pelos espectros, ética e política estas que, apenas elas, nos auxiliarão a pensar uma outra justiça e uma outra possibilidade de comunidade, sem que estas sejam pensadas à luz do direito e do comum, do cálculo ou da



previsão. Tempo este que, entrelaçando passado, presente e futuro, recusando-se a pensar o passado como um presente que passou e o futuro como um presente que virá, despresentificando a temporalidade e espectralizando-a, num passado que virá ou num futuro que já passou, pode, apenas ele, nos abrir à experiência do “*estar-com*” os fantasmas, o assombramento do *Mitsein*, que o abre também, nas palavras de Derrida, a “certos outros que não estão presentes, nem presentemente vivos, nem para nós, nem em nós, nem fora de nós” (HADDOCK LOBO, 2020, p. 60).

Entre cruzos e pausas, o encontro com os fantasmas nos leva à abertura aos tempos múltiplos, à suspensão do tempo e à possibilidade de caminhos diferentes, criados e recriados a partir das experiências, dos encontros, do que nos dizem os ventos. Sem a angústia da linearidade, abre-se a possibilidade do erro e do aprendizado. Então, é também tempo de errar e aprender. O erro faz parte. Em um movimento, como observa Dirce Solis (2009), comprometido com uma postura ético-política de responsabilidade, onde é possível uma abertura cuidadosa ao outro, com o outro. Trata-se mais da persistência em se conseguir viver a travessia da vida terrena com serenidade e bom caráter, deslocando do binômio opositivo culpa x salvação. A vida pode ser uma travessia, uma experiência do viver, sem se ter ao certo onde se quer chegar.

No acontecimento está o insólito do tempo, que ultrapassa a alternância temporal – intemporal, histórico – eterno, visando tanto um tempo mais profundo, quanto seu desvelar-se na superfície. Importa o intempestivo (SOLIS, 2009, p. 45).

A ideia de que a vida é início – meio – começo, em um ciclo, onde não há o fim, desloca a ideia de tempo. Não há o futuro, logo, não há tanto espaço para a ansiedade em relação ao porvir. O tempo sai de uma ideia de linha reta e passa a ser entendido como espiral. Carrega ainda uma forma de ser e estar no mundo que pouco dialoga, me parece, com uma concepção de um caminho único da vida. Fala também de um tempo único no caminhar, sem ser o tempo cronológico. Como na natureza, cada qual tem seu tempo, seus ritmos, seus passos, o que também nos ensinam diversas culturas ameríndias: somos natureza, um só no mundo, em uma dinâmica de integração do tempo em suas múltiplas possibilidades (DUSSEL, 2011).

A multiplicidade das existências se apresenta em suas infinitas possibilidades. E aqui talvez possamos aprender um pouco com os ensinamentos da filosofia de Ifá, que nos diz que

cada um possui um caminho a ser vivido. São múltiplos caminhos. Sem um caminho único, reafirma-se o espaço para o erro e, também, para a calma. São os tempos dos Orixás, dos mais velhos, das crianças. Dos que vieram antes, dos que ainda virão.

Os tempos, diversos tempos, falam também das infinitas histórias simultâneas. Dos diversos tempos simultâneos em cada história, em cada vida. Falam do miúdo, do medo, da alegria, das lutas, das brechas. Da vida que se vive além do tempo ritmado da história única, daquilo que não se registra, que a narrativa universal não alcança (SIMAS, 2019). É o tempo do compasso da dança, da vida, da dança da vida.

Fora da espera, o tempo respira.

Fora da angústia, o tempo ensina.

Na calma, podemos optar pelo amor e não pela guerra.

Em múltiplos tempos não cabe a linha única que leva à salvação. A ideia de metas a serem atingidas conforme a idade cronológica se perde. E as possibilidades de existências, de experiências, de encontros se multiplicam. Sem uma linha única, não há desvios, senão caminhos. Não é perda de tempo, é a vida. É a vida que ensina, inclusive, a esperar, em um movimento respeitoso com o tempo e o ritmo da vida, dos outros, de si.

Sem uma linha única, a dívida cotidiana se esvai. Não é mais uma questão de metas a serem alcançadas, mas de caminhos a serem percorridos. Não há mais uma dívida impagável, nem muito espaço para um padrão abstrato que coloca a felicidade em metas. Falamos de travessia e experiência, entendendo que isso pode contribuir para existências nas quais o riso possa se fazer presente. E se faz: nas brechas, na sacralidade dos encontros, nos sambas e terreiros, no miúdo da vida.

Nesses sentidos, desconstruir a colonialidade, no sentido proposto por Marcelo Moraes (2020) passaria também por deslocar a ideia de tempo? Passaria por viver e sentir que são tempos diferentes e múltiplos? Qual a influência da expectativa da salvação na constituição do nosso modo de viver o hoje?

Se deslocamos o tempo, saindo desse eixo pautado pela lógica da salvação e trazendo para esse encontro que um presente ampliado proporciona, a travessia da vida tem outro sentido. Não se trata, contudo, desta valorização do cotidiano trazida por uma lógica que



traveste de presente a ação caridosa que no fundo está pensando no futuro. Ela não é presente. Se o amor ao próximo se dá em nome da minha própria salvação, o ato, por belo que seja, mescla o presente com a espera individual de salvação. Em grande medida, as boas ações ficam atravessadas por uma concepção de caridade, onde o beneficiário último do bem realizado é o próprio que o realiza: no caminho da salvação está a caridade. O amor resta aos iguais, não é ampliado a todos.

Resta então o questionamento acerca das consequências dessa ideia de salvação, que organiza a seu modo uma linearidade do tempo e que se faz presente nas grandes religiões monoteístas, se não estaria intrínseca a uma estrutura colonial que despolariza o presente e esvazia a importância das múltiplas histórias, com suas possibilidades e potências, que ocorrem, contudo, fora do suposto caminho único. A rigidez do uno remete à impossibilidade do erro e, simultaneamente, à expectativa da punição em vistas de uma salvação final. Em uma lógica hierarquizante, identificar o erro do outro – e poder puni-lo – parece, de alguma amenizar o próprio e garantir a salvação individual.

Desta forma, podemos pensar o quanto que a ideia de um Julgamento Final, onde se avaliaria, em um ato, o decurso da vida e se receberia uma sentença binária (céu ou inferno) influencia na forma como concebemos o mundo e, especialmente, o cárcere? E trazemos o cárcere aqui por ser a instituição social que melhor reflete como hegemonicamente pensamos o erro e seus desdobramentos, tal como a punição e a expectativa (ou não) de salvação. É ainda o espaço onde salvação e tempo se misturam.

A privação de liberdade impõe uma dinâmica do tempo própria, organizada a partir de uma rotina que tem implícito o propósito de punir. A organização tanto da medida punitiva da pena, quanto da dinâmica cotidiana da prisão, trabalha com a ideia de um tempo único: a todos, a mesma contagem cronológica do tempo. Prazos que não dão conta da dimensão subjetiva da existência, e na rotina rígida vão despersonalizando os que ali se encontram.

Vive-se uma repetição violenta que tem como ideal a repetição absoluta, como se fosse possível acabar com os resquícios de humanidade que teimam em se apresentar. Na dura frieza dessa rotina sem fim, alguns aspectos que garantiam uma imagem de dignidade vão se perdendo, as demandas e expectativas sobre a vida naquele espaço ficam medíocres, o tempo fica confuso e se perde, como nos descreve de forma belíssima Graciliano Ramos. Aquilo que

costumava importar na liberdade se dilui e a repetição por si vai automatizando os corpos, que vivem sob uma constante ameaça de uma maior punição. Concretizam-se os princípios de linearidade do tempo, de unicidade, tal como seus complementos: o caminho único e a salvação ao final. Condena-se o desvio e castiga-se tendo em vista a garantia da salvação, bem como o retorno do desviante ao caminho.

O castigo pelo erro vem aqui carregado da negação das possibilidades múltiplas de existência. Teria o propósito de transformar o outro em nada e obriga-lo a renascer no arrependimento? Castigar de tal forma que faça daquele que está encarcerado uma massa de modelar na qual se possa construir o que se deseja? Apagar a existência, apagar os percursos que levaram até ali e jogar novamente na trilha do bem a massa que deve nascer, crescer e seguir em busca de sua salvação?

A razão que justificou sua permanência em um espaço desses seria de tal ordem grave que sua existência deve ser remodelada, sua experiência apagada, pois, fica subentendido, o erro é de ordem individual e reparável somente com a dor. Assume a centralidade da existência. Desviar passa a remeter ao risco de ter que se negar, morrer a seu modo, para renascer na trilha da salvação. É espectralizado pela angústia do tempo de uma dívida sem fim, pela dureza do tempo linear, de um caminho pautado na lógica cronológica e ladrilhado pela moral.

Recomeços

No entanto, se a dimensão do erro aqui é o risco da vida, a dimensão do erro como apresentada pelos Itãs, e refletida inclusive nos sincretismos dali provenientes, com seus encontros e justaposições que levam à formação da Umbanda e do Candomblé no Brasil, falam de uma dimensão do humano, da contradição e ambiguidade dos sentimentos, forças e potências. E como nos ensinam Simas e Rufino,

Orunmilá e Exu nos permitem pensar no tempo/espaco como algo multidimensional e a formação dos seres como algo que pode vir a ser alterado, perespectivando a potencialidade da existência como um viver pleno, que deve se atentar para a busca



do caminho da suavidade (Iwápele), a responsabilidade, a ética e a diversidade como modo de coexistência e inteligibilidade mútua (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 41).

Vale, assim, trazer uma atenção especial à Iwà Pèlè, que trata do conceito de bom caráter segundo a literatura de Ifá, conforme contemplado pelo povo Yorubá. Iwà Pèlè é tido como um dos objetivos da existência humana, ou seja, todo indivíduo deveria buscar ter Iwà Pèlè, sendo o mais importante de todos os valores morais.

No corpo literário de Ifá, Iwà é representado por uma mulher com quem Orunmilá veio a se casar. E, apesar de ser muito bela, Iwà não tinha um bom comportamento, o que faz com que Orunmilá não consiga lidar e a mande embora (ou a maltrate, dependendo da versão). Em uma de suas versões, Iwà é filha de Suuru, ou seja, ela é filha da Paciência, da Serenidade, e, portanto, neta de Olodumare. Ou seja, para se ter bom caráter antes deve-se ter paciência

Sùrùú ni baba ìwà (Paciência é o pai do bom caráter). De todos os atributos que um homem com bom caráter deve ter, paciência é o mais importante se todos porque a pessoa que é paciente terá tempo para meditar sobre as coisas e sempre chegar a justas e honestas conclusões. Devemos, então, ser paciente com as pessoas e aprender a ser tolerantes para podermos ter bom caráter. Se Òrúnmilá tivesse aprendido a ser paciente, ele não teria perdido sua esposa, Ìwà (ABIMBOLA, s.d).

Além da beleza de se pensar o bom caráter como filho da paciência, da serenidade, existe um aspecto que me parece especialmente belo: Orunmilà, que é a divindade da inteligência, do conhecimento e sabedoria, também se equivoca. Não deu conta de seguir sua promessa de não mandar Iwà embora, nem seguir os ensinamentos que ela lhe trazia. Então, quando ele vai em busca dela, na casa de seu pai, Suuru, ela lhe diz para que volte, mas que viva sua vida seguindo seus ensinamentos ao longo de sua vida. Iwà Pèlè, o bom caráter, é, assim, uma busca constante, que deve ser observado cotidianamente, inclusive para Orunmilá. E, se até Orunmilà se perde e não consegue seguir sempre os desafios colocados por Iwà, temos a dimensão do desafio que é alcançar esse objetivo. E dos erros, desvios, e deslizes que ao longo da vida virão.

Não se trata, tampouco, de um código fechado e pré-estabelecido, o bom caráter se relaciona com práticas cotidianas, quando deve ser cultuado, apesar das dificuldades, trata de questões com filhos, dinheiro, casa e do bom caráter como necessário para preservá-los:

“Todas as boas coisas da vida, que um homem tiver, / Se lhe falta bom caráter, / Pertencem a outra pessoa. / Íwà, Íwà, é a você que estamos buscando” (idem).

O tempo aqui assume um papel central na compreensão do que se entende por uma conduta moral digna. Paciência, apesar de também se relacionar com a ideia de espera, remete à constância, como algo que perdura no tempo. Mas como se trata, desde essa perspectiva, de algo para lidar com as questões do cotidiano, não é uma espera por algo que virá, sem tempo ou prazo, mas com uma certa serenidade para lidar com os problemas e demandas da vida cotidiana de modo que possa agir sem ser com base no impulso apenas e ter práticas de bom caráter, o que retorna como o berço de prosperidade.

O tempo da serenidade não é o tempo quantificável, determinável, ininterrupto do progresso moderno-colonial. Mas um tempo onde cabem pausas, desvios, e a possibilidade de um encantamento e opção radical pela vida.

Daí retomamos a ideia de um tempo espiral, que não tem um fim, mas eterno recomeço, onde cabem e convivem seres vivos e não vivos, em diferentes planos espirituais. Isso pode interferir na compreensão da morte e da própria ideia de fim: a morte não com o fim da vida física, mas com esquecimento, o que carrega a possibilidade de seguir com vida mesmo após a morte, e que por outro lado diz que não estamos sozinhos, que a vida segue e permanece em movimento independente da morte física. E admite a fala, o erro, a dúvida. O espelho não é o de uma divindade eternamente boa, mas trata-se de práticas da vida, onde se pode dizer “vai com calma, e se desviar, não se preocupe, estou aqui, pode voltar”.

Então, não acaba, não tem o Juízo Final, não tem a sentença final. Tem processos. Tampouco tem salvação ao fim, em seu lugar, a construção cotidiana do que se deseja deixar e ser como ancestral. Passa a ser sobre estar presente no hoje, no miúdo, no cotidiano. O tempo múltiplo respira, é presente, abrindo as portas para o riso, a alegrias, para o encantamento com a vida. Em um tempo de angústia, fica pouco espaço para o encantamento, ele logo se esvai. A Serenidade é o pai do encantamento, de poder ver a beleza da experiência da travessia da vida.

Babá Adailton Moreira, em seu filme ASIWAJU: o que vem à frente! (2020), fala da necessidade, muito presente dentro da cultura de Asè, da calma e do silêncio para se poder



sentir e estar com as divindades, para poder aprender os ensinamentos dos mais velhos/ das mais velhas, para poder cuidar. O ouvir faz parte dessa busca pela serenidade. Não haveria oralidade sem fala, mas também não há sem escuta. E tudo em um tempo próprio, que não pode ser único. E, se estamos falando de sermos natureza, estamos falando de ciclos, de uma multiplicidade de tempos que se encontram sem um fim.

Talvez seja sobre esse encontro dos tempos. Desse encontro de visões e concepções de mundo que se misturam e se multiplicam. Dessa demanda da urgência colocada pelo ritmo cronológico do tempo moderno, que se encontra com outros saberes, que vêm da experiência da liberdade de um tempo que se vive no presente. Talvez esse encontro dos tempos nos fale da impossibilidade de uma linha única a se seguir, da fragilidade de uma ideia de se punir por não se caminhar na linha, diante da existência de uma infinidade de caminhos e possibilidades que ficam invisibilizadas na obsessão do tempo único, linear, salvacionista, típico da moderno-colonialidade.

Algo como desfocar para poder ver. O foco preciso e exato é tido como a forma única de se ver o mundo. A forma correta, exata, precisa. Como se fosse possível desvelar a verdade, descobrir o segredo (DERRIDA, 2013). Como se ao congelar o momento se pudesse fixar o tempo, o espaço e seus sentires. Como se a imagem nítida, precisa, desse conta da completude do momento.

Mas se desfoca, mas se tem mais ali. Não é possível ver tudo. Não é possível apreender tudo. E não é possível porque não há um “tudo” a ser apreendido. Não há um caminho único, nem um tempo linear. Com dois “obturadores” em uma *pinhole*, a professora e artista Elisa de Magalhães brinca com as ideias de foco, tempo e espaço. Entre o tempo de exposição e a dupla captura, uma imagem que fala do múltiplo que presentifica e se esvai. Um múltiplo que não desvela, não revela, não tem um começo e um fim, apenas é em sua multiplicidade, sendo mais importante o que se compõe do processo do que a definição da verdade. O que dá sentido às partes é o todo, composto pelo visível e pelo invisível.

Trata-se de se transportar logo, de uma só vez, para além da primeira olhada e, portanto, de ver aí onde essa olhada é cega, de arregalar os olhos aí onde não se deixa ver. É o caso da invisibilidade mesmo. Pois o que a primeira vista perde é precisamente o invisível. O defeito, o engano da primeira vista, é ver e não perceber o invisível (DERRIDA, 1994, p. 200).

A ideia de desfocar remete à proposta da sensorial que descortina a impossibilidade da tradução das imagens em palavras. Derrida já falava da impossibilidade da tradução entre línguas, entre linguagens se faz uma distância abissal. Nos movimentos apresentados no filme, fica a beleza do ver e do não-ver, da fala e do silêncio, complementares entre si. E, por complementares, impossíveis de serem únicos. O silêncio é também a escuta. Talvez o primeiro passo para uma escuta verdadeira, sendo talvez o que precede à própria escuta. O não-ver também precederia o ver?

Podemos pensar no movimento de desfocar para ver o que não é visível; ver além do visível; ver além do que os olhos estão ensinados a ver. Ver o que está ali, o que levou até lá, o que não se faz visível, mas está presente. De algum modo, aquilo que Derrida irá chamar dos fantasmas. Os fantasmas que assombram e mostram a impossibilidade do único, por ser sempre mais de um. E se há sempre mais de um na cena, também não há como se conceber um único caminho, uma via única que cabe a todos percorrer.

O campo do sensível é o campo dos encontros, das complementariedades, da incorporação. Talvez em uma justaposição desfocada, na qual o tempo de exposição determina o que fica, o que aparece e o que se perde. Tempos e espaços se misturam, ampliando e fortalecendo as múltiplas possibilidades de existência. Há uma recriação da vida, dos modos de ser e estar no mundo mais coletivos, mais acolhedores, oferecendo novos ritmos e tempos para a travessia da vida.

E o reconhecimento desses encontros e brechas em cada um de nós, o reconhecimento que os passarinhos cantam e pousam nas janelas. Pausa.

Referências:

Abimbola, Wande. **Iwà Pèlè**: o conceito de bom caráter no corpo literário de Ifá. Disponível em: <https://sitosamambaia.blogspot.com/2011/12/iwa-por-wande-abimbola.html> Acesso em setembro de 2021.

DUSSEL, Enrique (org). **El pensamiento filosófico latino-americano, del Caribe y “latino” [1300 – 2000]**. México: Siglo XXI, 2011.



DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Esporas: os estilos de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Nau, 2013

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Os fantasmas da colônia**. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020.

MORAES, Marcelo. **Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade**. Rio de Janeiro: Nau, 2020.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Vol. 1. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

SIMAS, Luiz Antônio. **Pedrinhas Miudinhas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SINOTI, Rodrigo, e Athayde, Rogério. Live Iboxé. **Iwà Pèlè**. Disponível em: <https://youtu.be/qyDInhoaZ7o> Acesso em setembro de 2021.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. **Desconstrução e arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Uapê/SEAF, 2009.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Espectros e monstros inumanos: Jean Genet em Glas de Derrida. In: **Revista latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía** · Revista latinoamericana do colégio internacional de filosofia. Número especial. Dezembro de 2019. p. 227 – 243. Disponível em: <http://www.revistalatinoamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/02/nu%CC%81merospecialcompletoRLCIF.pdf> Acesso em Outubro de 2021.

Filmografia:

ASIWAJU: o que vem à frente!, direção de Babá Adailton Moreira, 2020. Disponível em: https://youtu.be/MhCe_Ld_duo acesso em setembro de 2021.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 03 de novembro de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 20 de novembro de 2021.